

O REGIME POLÍTICO DA HETEROSSEXUALIDADE E A MIGRAÇÃO SEXUAL:

discutindo espaços, sexualidade e HIV/Aids.

The Political Regime of Heterosexuality and the Sexual Migration: Discussing spaces, sexualities and HIV/Aids

Gustavo Frisso¹

Artigo recebido em: 07/08/2020.

Artigo aceito em: 14/01/2021.

RESUMO:

Este trabalho contribui com a discussão sobre a migração sexual, unindo o HIV/Aids à relação espacial, a partir de perspectivas complementares, como as práticas do cotidiano de Certeau (1984) são adequadas à migração sexual de Carrillo (2004, 2010) sob a óptica da Nação Heterossexual de Ochy Curiel (2013). Essa revisão bibliográfica é complementada por Susan Sontag (1984, 1989) ao discutir os efeitos das metáforas sobre a doença e sobre o HIV/Aids na vida social de pessoas com HIV. As práticas do cotidiano de um homem, homossexual e migrante, moldam-se às implicações heteronormativas da família, símbolo da nação heterossexual, e às limitações de se relacionar afetiva e sexualmente nos espaços onde habitam. A partir da idealização de liberdade afetiva e sexual no outro lado da fronteira, eles decidem migrar e se expõem ao vírus.

PALAVRAS-CHAVE: Migração Sexual; Práticas do Cotidiano; HIV/Aids.

ABSTRACT:

This study contributes to the discussion on sexual migration, combining HIV/AIDS with the spatial relationship, from complementary perspectives, as Certeau's (1984) daily practices are adequate to Carrillo's sexual migration (2004, 2010) from the perspective of the heterosexual nation of Ochy Curiel (2013). This bibliographic review is complemented by Susan Sontag (1984, 1989) when discussing the effects of metaphors on the disease and on HIV/AIDS on the social life of people living with HIV. The daily practices of a man, homosexual and migrant, are shaped by the heteronormative implications of the family, symbol of the heterosexual nation, and the limitations of relating emotionally and sexually in the spaces where they live. Based on the idealization of affective and sexual freedom on the other side of the border, they decide to migrate and expose themselves to the virus.

KEYWORDS: Sexual Migration; Practices of Everyday; HIV/Aids.

1 Mestrando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pesquisador do Grupo de Estudos "Direito, Globalização e Cidadania" sob liderança da Prof^ª. Dr^ª. Renata Alvares Gaspar. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6255140080799026>. E-mail: gustavoluizfrisso@hotmail.com

1. Introdução

O HIV/Aids se tornou uma das pandemias mais desafiadora na década de 1980, transportando ainda seus desafios para as décadas subsequentes. Um arcabouço metafórico foi construído para exemplificar sobre o que se tratava esse vírus pouco conhecido. Sontag (1988) relembra que as primeiras ligações da doença nos Estados Unidos foram feitas a casos vindos da África. Assim, o HIV/Aids tornou-se a doença daquele continente. O crescimento e o molde, no qual o HIV/Aids se enquadra, possui uma característica muito diferente de outras pandemias conhecidas, como a COVID-19. A forma de transmissão do HIV/Aids, no início da epidemia, para tornar-se pandemia, ocorreu de maneira lenta. Entretanto, uma explosão de casos nos Estados Unidos entre homens homossexuais, assumidos ou não publicamente, começou a compor o quadro epidemiológico do vírus e do estado clínico em decorrência da infecção. Os entendíveis “grupos de risco” começaram a se expandir. Se antes, o vírus era visto como estrangeiro, agora era visto como um castigo à homossexualidade. Sontag (1988) relatou que, por seu caráter semelhante à sífilis, cujos fluídos corpóreos tornam-se propagador do vírus, o HIV/Aids era compreendido como uma poluição ao corpo e à sociedade.

Posteriormente, alguns haitianos nos Estados Unidos mostraram-se infectados. Assim como os hemofílicos, que recebiam doações de sangue, sem o prévio conhecimento se aquele sangue continha cepas do vírus. Com o tempo, os heroínômanos, os usuários de heroína injetável, ficaram infectados pelo vírus a partir do compartilhamento de seringas. Por último, para compor esse quadro dos sujeitos, um grande número de prostitutas, *hookers*, em inglês, foram também infectadas. A partir dessa subclassificação, os 5H – homossexuais, haitianos, hemofílicos, heroínômanos e *hookers* – ilustraram os “grupos de risco” do HIV/Aids (TIMMERMAN e MAGALHÃES, 2015). É importante ressaltar que não existe linearidade temporal sobre a contaminação dessas pessoas, por mais que aqui, para fins didáticos, tenha-se abordado uma ordem de introdução a esses grupos. Entretanto, é fundamental ressaltar que a adoção mais válida é não enquadrar esses sujeitos nessas classificações, mas, sim, compreender que existem práticas vulneráveis

ao HIV/Aids, a exemplo da falta de preservativos e compartilhamento de seringas, por exemplo.

Esse trabalho aborda um tema muito importante sobre saúde pública a partir de uma perspectiva sobre espaços, inserindo as práticas do cotidiano de migrantes latinos aos Estados Unidos, sobretudo migrantes sexuais, a exemplo de homens que se identificam como homossexuais, como guia para compreender como práticas vulneráveis ao HIV/Aids afetam a saúde sexual desses homens e das pessoas ao seu redor. Sob o regime da heterossexualidade, vislumbram-se estruturas importantes para explicar algumas das razões pelas quais esses homens decidem partir. Entretanto, homens que se identificam como heterossexuais também se tornam vulneráveis ao HIV/Aids quando migram sazonalmente. Esse rito de passagem, da vida juvenil para a adulta, contribui para o contato com pessoas infectadas nos Estados Unidos e para a propagação do vírus nas comunidades de origem quando eles decidem voltar. As práticas espaciais desses homens se inserem no regime da heterossexualidade de uma forma diferente das práticas espaciais dos homens que se identificam como homossexuais. Essa inserção legitima e reproduz as instâncias da masculinidade entre homens.

A partir dessa pequena ilustração, o trabalho se divide em cinco seções. A primeira seção introduz a nação heterossexual a partir do trabalho de Ochy Curiel (2013), prescrevendo a operacionalidade desse regime político. A segunda seção contribui para se pensar sobre a concepção heterossexual da família, instituição importante para compreender a homofobia e o machismo sobre os homens que se identificam como homossexuais, ou lhes é atribuído esses olhares. A terceira seção dialoga com Certeau (1984) acerca das práticas do cotidiano dos migrantes, ou seja, como os lugares onde eles frequentam são compreendidos a partir de uma expressão da sexualidade. A quarta seção questiona sobre pontos concernentes à sexualidade, a exemplo da forte influência que a concepção heterossexual da família exerce sobre as sexualidades “desviantes” do regime político da heterossexualidade. A quinta seção

retoma aos elementos trabalhados ao longo do texto para discorrer sobre pontos importantes na compreensão entre a migração sexual e o HIV/Aids.

2. A Nação Heterossexual

O trabalho de Ochy Curiel (2013) sobre a constituição da Nação Heterossexual é orientado a partir da análise das sessões da constituinte colombiana em 1991, e seguida por seu desdobramento na constituição. É fundamental conceber as análises de Ochy Curiel dentro do movimento teórico e ativista do feminismo lésbico. A estruturação sobre a heterossexualidade é apoiada, pela autora, em dois nomes importantes, a estadunidense Adrienne Rich (1980) e a francesa Monique Wittig (1982). Elas sinalaram que a heterossexualidade é uma instituição e um regime político que atravessa as relações sociais, afetando fundamentalmente as mulheres e as lésbicas (OCHY, 2013, p. 28). É fundamental compreender esse direcionamento ao qual os aportes sobre o regime da heterossexualidade são direcionados. Além disso, encontra-se dentro dessa instituição política, uma importante ligação a partir dessas relações sociais acerca de outros sujeitos desviantes e excluídos desse regime heterossexual. A exemplo de homossexuais, sobre os quais é esperado a reprodução dessa lógica institucional.

Cabe assinalar, como ponto fulcral ao trabalho de Curiel (2013), que a heterossexualidade tratada ao longo de sua pesquisa não se refere a uma prática sexual, senão uma instituição obrigatória, como proposto por Rich (1980), ou como um regime político, a partir da proposta de Wittig (1982). É sobre compreender a relação que os homens exercem sobre as mulheres. Perceber como eles se apropriam da força de trabalho material, emocional, sexual e simbólica das mulheres, e compreendê-los a partir da reprodução política da heterossexualidade (CURIEL, 2013).

Acrescentando à uma perspectiva jurídica de Curiel (2013) na constituição da nação, Wittig (1980) defende que viver nas sociedades modernas, via um contrato

social, é viver no regime político da heterossexualidade, pois, a nação também é imaginada por essa lógica. Desse discurso, desdobram-se tantos outros, promovidos e legitimados, a exemplo da família, da ciência, das leis, dos discursos (CURIEL, 2013, p. 28-29). Acrescenta-se o suposto caminho natural pelo qual a heterossexualidade é conduzida, nessa constante reprodução de seu caráter heteronormativo nos instrumentos estruturantes de uma sociedade (WITTIG, 1992, p. 66 *apud* CURIEL, 2013, p. 104). Essa ilustração de Curiel (2013) se origina a partir da constatação sobre os participantes da Assembleia Nacional Constituinte, onde não se encontraram lésbicas, gays, transsexuais, em suma, não-heterossexuais.

Gloria Anzaldúa (1987) traz importantes aportes sobre como a cultural, e em partes, a cultura da heterossexualidade, forma nossas crenças e corrobora com a ideia de que a cultura é feita por aqueles no poder, e em geral, pelos homens no poder (ANZALDÚA, 1987, p. 16). Assim, percebe-se que os homens fazem as regras e as leis e as mulheres as transmitem (ANZALDÚA, 1987, p. 16). Na cultura a qual Gloria cresceu, as mulheres dividiam-se em três possibilidades: tornar-se mãe, freira ou prostituta. A submissão e a resistência à mudança dos papéis de gênero contribuem para a inequidade dentro da própria instituição da heterossexualidade, uma instituição que se reproduz e se legitima a partir dessas desigualdades (ANZALDÚA, 1987).

Em suma, a nação heterossexual se torna um marco teórico importante para compreender o sentido político da heterossexualidade a partir de instituições fundamentais na composição desse regime, a exemplo da família. Torna-se necessário ilustrar como alguns migrantes, que migram para uma terra idealizada como liberdade, são excluídos dessa estrutura por não representarem os artifícios necessários para a sua reprodução.

3. A concepção heterossexual da família

Curiel (2013) compreende a família como um pilar do regime heterossexual, composta por duas dimensões: a horizontal, representando a aliança - em especial, tudo o que se relaciona com o matrimônio em todas as suas formas -, e a filiação – a incorporação dos seus membros a uma unidade única, regida por normas da heterossexualidade (CURIEL, 2013, p. 125). Esse pilar se funda a partir da ideologia que representa um ideal de família baseada na união de um homem e uma mulher, com seus filhos e filhas, e que é legitimada juridicamente através de um contrato (CURIEL, 2013, p. 127). A partir do discurso jurídico, María del Camern Castrillón (2007) denomina a nuclearização e biologização da família, isso significa dizer que sua redução se expressa a uma forma centrada em um casal homem-mulher com filhos e filhas, e a forte valorização dos laços consanguíneos (CASTRILLÓN, 2007 *apud* CURIEL, 2013).

Entretanto, não se pode reduzir a concepção de família unicamente sob a perspectiva desse regime da heterossexualidade. Vale assinalar que, embora como estrutura social, a instituição da heterossexualidade permite, por meio da opressão contra gêneros e sexualidades não identificadas nos padrões heteronormativo, a formação de compreensões outras sobre a família. Costa (2017) analisou a família e o espaço geográfico a partir da “Família Lavinsky”, em Vitória da Conquista – BA, cujos laços não se fazem consanguíneos, nem se compreende uma nuclearização dessa família. Trata-se de expressões homoafetivas, em que “um grupo de adolescentes homossexuais, que se identificam como família, organizam uma convivência e construção de espacialidades singulares no cotidiano dessa cidade” (COSTA, 2017, p. 317).

A maior parte da constituição familiar, embora com expressivas e grandes alterações concernentes ao gênero, ao sexo, ao parentesco, que constituem outras formas de se pensar família, reproduz o *familismo*, como retoma Curiel (2013). O *familismo* se define como “uma ideologia que sobrecarrega a família de funções sociais,

é idealizada como espaço sagrado que garante a segurança e o status de seus membros e membras” (CURIEL, 2013, p. 138). Dessas idealizações, percebe-se a construção de um valor cultural que se atem à forte identificação de um indivíduo à sua família, nuclear e/ou estendida, que provoca fortes sentimentos de lealdade, reciprocidade e solidariedade entre os membros familiares (DIAZ, 1998, p. 93). Em suma, explica-se como “a família sendo uma instituição que reproduz relações de poder entre os sexos, mantém o binarismo de gênero, é excludente e hierarquizada, e também produz violências dos maridos contra suas esposas” (PUYANA, 2006 *apud* CURIEL, 2013, p. 138), além da violência dos membros heterossexuais contra os membros de sexualidade dissidentes.

Em síntese, Anzaldúa (1987), posteriormente, Curiel (2013), sumariza os preceitos de ser homossexual dentro dessa instituição política da heterossexualidade. Para ela, “nós temos medo de ser abandonados pela mãe, pela cultura, pela raça, por ser inaceitáveis (homossexuais)” (ANZALDÚA, 1987, p. 20). Nesse ponto, é possível perceber que, além das mulheres serem principal e primordialmente vítimas dos abusos reproduzidos pelo regime da heterossexualidade, as sexualidades desviantes do padrão homem-mulher, dentro da constituição da família heterossexual, sofrem as incertezas da exclusão dessa família.

Rafael Diaz (1998) e Héctor Carrillo (2010) trabalham, a partir de estudos por entrevista e etnografia, os medos e as incertezas de homens, sobretudo os que se declaram homossexuais durante o processo de pesquisa, com as suas famílias. O machismo e a homofobia estão totalmente conectados com o cotidiano de um homem homossexual, que se entende como tal, ou que lhe é atribuído por olhares alheios, pois são dois processos intrínsecos com a própria reprodução e legitimação do regime da heterossexualidade (DIAZ, 1998; WARD e SCHNEIDER 2009) Sair do armário, como aponta Carrillo (2010), nunca é uma decisão individual, pois as consequências e as reações familiares sobre essa “saída” influenciam no processo decisório.

Entretanto, há homens, como aponta Diaz (1998) que continuam reproduzindo os valores aparentes da heterossexualidade, mesmo se relacionando com outros homens. Eles se casam, com mulheres, para participar mais plena e confortavelmente na vida social de suas famílias através do matrimônio, além de poderem participar dos imensos benefícios protetores e apoio social da vida familiar (DIAZ, 1998, p. 97).

Intenciona-se nesse trabalho relacionar, ou construir, como a família, a partir do regime da heterossexualidade, constitui-se no espaço geográfico do migrante sexual (CARRILLO, 2010). A compreensão de migração sexual por Héctor Carrillo (2004, 2010) é se referir a realocação transnacional que é motivada, completa ou parcialmente, pelas sexualidades daqueles que migram.

4. Compreendendo as fronteiras: as práticas do cotidiano

Não se torna fácil compreender as migrações, muito menos suas razões. Porém, considera-se que os espaços são significantes nas vidas dos migrantes e outros espaços ganham novos significados, construídos a partir de um ideal de liberdade. Utiliza-se parte da compreensão de Certeau (1984) sobre as práticas do espaço para interligar o antes e o depois na vida do migrante. Para o migrante sexual, os lugares denotam e limitam a possibilidade de expressão de uma identidade escondida ou mesmo secreta, uma identidade a respeito de sua sexualidade.

Michel de Certeau (1984) reflete sobre a organização do espaço a partir das práticas do cotidiano. Isso possibilita ilustrar como as operações realizadas pelos sujeitos se conectam no processo de interação social. A partir da interpretação de Freitas (2008), “em vez de ter o indivíduo como centro e foco de análise, o autor parte do pressuposto de que é a relação social que determina o indivíduo e não o inverso, por isso, só se pode apreendê-lo a partir de suas práticas sociais” (FREITAS, 2008, p. 207). Cabe à reflexão se “as práticas do espaço tecem em efeito as condicionantes

determinantes da vida social” (CERTEAU, 1984, p. 108). A partir da compreensão sobre espaços públicos e suas reinvenções, Barbosa e Damasceno (2019) colocam que o espaço é construído por intencionalidades e ações de sujeitos sociais como uma política de apresentação de si com outros (BARBOSA e DAMASCENO, 2019).

Aqui, dois exemplos são mostrados de como os espaços exercem influência na vida do migrante, sob aspectos imaginativos de quando vai, e de quando volta. A ideia de que os espaços agem diferentemente nos Estados Unidos ilustra práticas da sexualidade em parte da emigração mexicana homossexual, como observado por Carrillo (2010), ao entrevistar um desses homossexuais mexicanos em San Diego. Aldo, na idade de 16 anos, relata sua descoberta de que “ele poderia conhecer homens e ter relações sexuais nas ruas, no Parque Balboa, e nos cinemas pornográficos no centro da cidade” (CARRILLO, 2010, p. 29). Esses espaços cotidianos, a exemplo das ruas e dos parques, como analisados por Certeau (1984), assumem outra ressignificação por esse migrante. Essas ressignificações se conectam com os próprios espaços de criação de Aldo, “que considera sua cidade, Ensenada, México, como uma cidade pequena onde todo mundo fofoca” (CARRILLO, 2010, p. 29). Nessa cidade pequena, como interpretado, os espaços se restringem na expressão sexual e o anonimato torna-se difícil.

A significação de espaços, a partir das expressões de uma sexualidade reprimida pelo regime político da heterossexualidade, também se firma a partir do secreto e do proibido. Diaz (1998) ilustrou algumas práticas espaciais acometidas pelos homens acompanhados em sua pesquisa. Partiu da ilustração de que após esses homens participarem de eventos familiares, e deixar suas namoradas em casa, eles vão a parques, paradas de caminhões ou banheiros públicos para fazer sexo com outros homens, sobretudo desconhecidos (DIAZ, 1998, p. 97). Esses espaços tornam-se cúmplices de práticas espaciais, sendo compreendidos como espaços em que o anonimato sexual com outros homens se torna possível. Esses espaços citados, para quem deles constitui significado do cotidiano, são construídos pelos próprios sujeitos sociais na criação de si e na ação no mundo (BARBOSA e DAMASCENO, 2019),

mesmo que a ação no mundo represente manifestações sobre a constituição do sujeito não-heterossexual. Os espaços representam modos de ser, viver, sentir, estar e apresentar-se relacionando-se às condições materiais e simbólicas socioespaciais em distintas experiências urbanas (BARBOSA e DAMASCENO, 2019).

Em um caminho semelhante sobre a configuração espacial de outras expressões sexuais, J. Ward (2008) analisou como os espaços virtuais representavam a possibilidade de homens, que se alegavam heterossexuais, encontrarem outros homens, preferencialmente, que se alegavam heterossexuais, para encontros não romantizados. Esses encontros partiam de uma plataforma digital (Craigslist-Los Angeles) e Ward (2008) nomeia essa prática como *Dude-sex* – sexo entre “caras”. Ward (2008) mostrou como esses homens heterossexuais brancos se esforçam para transmitir, em seus convites, que o encontro sexual será casual, incorporado na cultura masculina heterossexual, através de falas consideradas gíria urbana da cultura negra para representar, no fim, a heterossexualidade (WARD, 2008, p. 423). Nesses casos, foi observado a absorção, por caras brancos e héteros, de símbolos e de linguagem da masculinidade heterossexual negra, para construir uma cultura de ligação masculina que é indiscutivelmente reconhecível como a antítese da cultura gay masculina (WARD, 2008, p. 428). Com isso, parte de sua argumentação é como o sexo entre caras se apropria da construção racializada de uma masculinidade para a elaboração de discursos, por meio de *post* no Craigslist, cuja intenção é reforçar a instituição da heterossexualidade, em todas as suas manifestações e suas virtudes esperadas para um homem, nesse caso, um homem branco e heterossexual, mesmo tendo algum tipo de interação íntima com outro homem.

Os caras buscados no Craigslist seguiam uma relação muito nítida com suas práticas espaciais, com os espaços frequentados e como a cultura espacial e social desse lugar influenciava a própria construção da identidade, a exemplo da intensa procura para tipos específicos de homens heterossexuais, como os surfistas e os caras de fraternidades. Segundo Ward (2008), os surfistas são a vitrine de uma

masculinidade heterossexual branca roteirizada e associada ao estilo de vida de surf do Sul da Califórnia (WARD, 2008, p. 429).

Entretanto, no que tange à vida dos migrantes que retornam dos Estados Unidos, os espaços da vida cotidiana possuem outros condicionamento, como analisados por Hirsch e Navarro (2010), ao relatar à volta de homens heterossexuais migrantes dos Estados Unidos de volta à cidade natal no México, e como suas relações com os espaços mudam. Em uma *cantina*, entendido como um bar, esses homens exibem dinheiro, pesos mexicanos e dólares, mesmo sem pagar em dólares, e assumem esse lugar, a *cantina*, como um lugar de exibição social de como a vida foi boa e proveitosa nos Estados Unidos (HIRSCH e NAVARRO, 2010, p. 136), traduzindo-a através de gastos excessivos.

A ocupação desse espaço – dessa *cantina* – reassume uma dinâmica particular na dinâmica espacial desses migrantes. É nesse lugar onde se exibem as benfeitorias do outro lado da fronteira, sempre em relação aos que ficaram, como aos que foram e voltaram. Essa relação de ostentação implica, como observado por Hirsch e Navarro (2010), altos gastos com bebida alcóolica e com mulheres dentro do mesmo bar. Essa sazonalidade, a migração como transição da vida de um homem juvenil à vida adulta (HIRSCH e NAVARRO, 2010), representa um ponto de referência compartilhado crucial para ideologias locais, gênero, sexualidade e consumo, bem como um fator vital que molda as epidemiologias da exposição ao HIV (HIRSCH *et al.* 2007 *apud* HIRSCH e NAVARRO, 2010). Como os autores observam, existe uma relação muito próxima com as implicações sexuais sobre o ato de regressar ao lugar de origem, referenciando à epidemiologia regional e à prevenção ao HIV.

A volta aos lugares significa mais do que dólares, pois, algumas evidências se mostraram úteis para analisar como a migração tem sido um fator importante na disseminação do HIV nas áreas rurais cujas comunidades tiveram emigrantes (HIRSCH e NAVARRO, 2010, p. 132). A exemplo disso, Hirsh e Navarro (2010) enfatizam um elo importante sobre essa questão, ao discorrer que a migração circular

do trabalho, uma migração sazonal, por exemplo, e a transmissão do HIV mostraram-se conectadas em regiões mexicanas, como Puebla, Guanajuato, Michoacán, Zacatecas e Jalisco. Isso se deve ao fato de que homens são infectados nos Estados Unidos e, ao regressarem às suas casas, eles transmitem o vírus para suas esposas (HIRSCH e NAVARRO, 2010, p. 131). As questões concernentes ao controle epidemiológico nessa relação sobre migrações sazonais implicam a falta de conhecimento sobre o status do HIV, muitas vezes porque o vírus se associa muito à expressão metafórica de doença homossexual – cujo ápice foi defini-la como peste gay (SONTAG, 1988), e, dessa forma, ameniza o imaginário heterossexual sobre a exposição ao vírus.

São em cidades onde esses espaços se manifestam, “na criação de um sujeito universal e anônimo que é a cidade mesma: como em seu modelo político é possível lhe atribuir pouco a pouco todas as funções e predicados, até aí disseminados e atribuídos entre múltiplos sujeitos reais, grupos, associações, indivíduos” (CERTEAU, 1984, p. 106). A constante dualidade entre cidades no imaginário do migrante, a exemplo de Carrillo (2010), contribui na decisão de migrar, em que as possíveis manifestações de liberdade são mensuradas. O sujeito universal, como visto por Certeau (1984), torna-se um sujeito também pressionado pela própria cidade que vive, e pelo próprio país. Além disso, “a cidade, como nome próprio, oferece deste modo a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoladas e articuladas umas com outras” (CERTEAU, 1984, p. 106). É na cidade onde se manifestam os condicionamentos da vida social, mas onde também se manifestam as reclusões, as resistências e as migrações.

Dessas práticas tangentes a essas vidas específicas e migrantes, Certeau (1984) retoma algumas simbologias interessantes para entender a cidade, onde reside o migrante e onde se constrói a liberdade. Existem

nós simbolizadores [que] delineiam (e talvez se baseiam) três funcionamentos distintos (mas conjugados) das relações entre práticas espaciais e práticas significantes: o acreditável, o memorável e o primitivo. Designam ‘o que autoriza’ (ou torna possível e credível) as apropriações

espaciais, o que se repete (ou se recorda) de uma memória silenciosa e retraída, e o que se encontra estruturado e não deixa de estar firmado por uma origem infantil (*infans*). Estes três dispositivos simbólicos organizam os lugares do discurso, da cidade, e sobre a cidade (a lenda, a recordação e o sonho) de uma maneira que escapa também à sistematicidade urbanística (CERTEAU, 1984, p. 118).

Hirsch e Navarro (2010) relatam que os homens migrantes que foram *al otro lado* gostam de contar suas façanhas e seus triunfos, inclusive, há quem associam o outro lado não como liberdade, senão como libertinagem (HIRSCH e NAVARRO, 2010, p. 135). O espaço construído da liberdade se molda nos dizeres locais como uma comunidade imaginada transnacional geolocalizada no Norte. O Norte também se corresponde a duas significações distintas. A primeira se refere ao forte status econômico proporcionado pela migração. Enquanto a segunda, distorcida da instituição política da heterossexualidade, abriga uma comunidade formada por histórias de pessoas que transgrediram as normas sexuais locais, seja a partir de uma homossexualidade pública, seja a partir de uma gravidez antes do casamento, ou seja através de um caso extraconjugal tornado público. Essas duas comunidades encontram-se geolocalizada nos falares: “*y luego se fue para el norte*” (HIRSCH e NAVARRO, 2010, p. 134).

A argumentação de Carrillo (2010) sobre liberdade implica uma combinação de imaginários de imigrantes sobre a liberdade sexual nos Estados Unidos e seu desejo de ficar longe de suas famílias de origem, a fim de iniciar essa sexualidade com o mesmo sexo de uma forma mais livre (CARRILLO, 2010, p. 27). Além disso, a migração a partir desse imaginário evoca um distanciamento da homofobia vivida no seio familiar, por exemplo, pois no regime da heterossexualidade, “rejeitar gays, lésbicas e bissexuais simplesmente porque não são heterossexuais é uma rejeição justificada por uma percepção generalizada de que é socialmente aceitável não gostar de homossexuais por causa de sua diferença” (CARRILLO, 2010, p. 27).

Esses entrelaçamentos que circundam à vida do migrante retomam em diferentes formas de afeto e emoção em torno do indivíduo, a exemplo da saudade. São percepções da vida difícil, nem sempre percebida como imaginada, as maiores

dificuldades da vida desses migrantes concernentes ao afeto familiar, conjugal e ao afeto espacial. Como observado por Carrillo (2010),

para alguns homens como Aldo, o anseio por suas casas, famílias e tudo o que é familiar se torna especialmente aguda, uma vez que eles encontram o que eles percebem como extremo individualismo estadunidense (e tudo o que o acompanha) e percebem que agora eles perdem enormemente a orientação coletiva que caracterizou sua vida familiar e social de volta para casa (CARRILLO, 2010, p. 34).

Esses migrantes acabam transitando por novos caminhos, absorvem e assimilam novas práticas do cotidiano espacial e cultural, mas não são capazes de esquecer todos os outros caminhos pelos quais passaram, absorveram ou assimilaram de outras práticas cotidianas, agora mais distantes. De síntese, “o espaço é um lugar praticado. Desta forma, a rua geometricamente definida pelo urbanismo se transforma em espaços por intervenção dos caminhantes. Igualmente, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar que constitui um sistema de signos: um escrito” (CERTEAU, 1984, p. 129). Assim, a fronteira insere-se também como um espaço praticado, tanto à fronteira estatal, quanto às fronteiras da vida afetiva e sexual, manifestando-se em casa, na rua, nos clubes e teatros. Essas fronteiras da vida afetiva e sexual impõem riscos, como visto por Carrillo (2010), pois “sair do armário”, para um homossexual, é cruzar a fronteira da identidade vivida e da identidade percebida, e é inserir-se em um novo mundo cujas relações de afeto podem não ser recebidas muito bem pelos familiares. Cruzar fronteiras, que nem deveriam existir, é transformar formas de enxergar a casa, a rua, o clube, o teatro e transformá-los em práticas espaciais concernentes à liberdade afetiva e sexual, criada e reforçada pelo imaginário do migrante.

As deparar-se com fronteiras tradicionais, aquelas separando dois Estados, o migrante percebe como “as barreiras são respostas grosseiras para espaço excessivamente politizado” (PULLAN, 2013, p. 19). Na fronteira, manifesta-se a expressão territorial da soberania, pois “o território é frequentemente visto em termos de controle, poder e exclusão, principalmente um dispositivo político, e acadêmicos como Sassen e Elden enfatizam que o papel soberano do Estado é possibilitado pelo

controle do território” (PULLAN, 2013, p. 19). A dicotomia fronteira/território implica a manifestação e legitimação “da violência, um modo de controlar o território é exercer o terror” (PULLAN, 2013, p. 19). Esses encontros, do migrante com a fronteira, também são fontes afetivas, quando noticiadas e ressaltadas para o mundo a questão da migração, seja por mar², seja por rio³, seja por não conseguir chegar⁴.

5. Partir ou ficar? Questões concernentes à sexualidade

A maior composição dos migrantes sexuais é formada pela população LGBT. Aqui, estudou-se mais sobre os latinos, em especial o público mexicano, colombianos, dominicano e brasileiros. Dos estudos pesquisados, percebeu-se um foco maior sobre os homens homossexuais. Em algumas partes comparativas dos estudos, foi encontrado alguns apontamentos sobre como a vida era antes da migração e como se tornou depois. Notou-se que embora o Brasil, e outros países latinos, promovam a “igualdade LGBT” através de diversas leis e políticas, a respeito do casamento entre mesmo sexo, e recentemente à equiparação da discriminação LGBT à discriminação racial, a experiência desse público continua a experimentar discriminação ou/e violência devido à orientação sexual (NIEVES-LUGO *et al.*, 2008, p. 1). Enquanto no Brasil, observou-se que “60% da população LGBT experimentou alguma forma de discriminação ou violência devido à orientação sexual, na Colômbia, a discriminação tornou-se uma das razões principais para o deslocamento” (NIEVES-LUGO *et al.*, 2008, p. 1).

² Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória. G1, 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>>. Acesso em: 27.07.2020.

³ Pai e filha salvadorenhos morrem afogados em travessia para os EUA e foto provoca comoção. G1, 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/26/pai-salvadorenho-e-filha-morrem-ao-atravesar-rio-na-tentativa-de-chegar-aos-eua.ghtml>> Acesso em: 27.07.2020.

⁴ Corpos do pior naufrágio do ano no Mediterrâneo são recuperados. Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/07/corpos-do-pior-naufragio-do-ano-no-mediterraneo-sao-recuperados-na-libia.shtml>>. Acesso em: 27.07.2020.

Ao migrante latino-americano, que fortemente influenciado pela sexualidade, decide migrar, além dos estereótipos que lhes são frequentemente atribuídos, eles lidam também com a presunção de que

migrantes da América Latina têm maior vulnerabilidade para a transmissão do HIV do que os locais, residentes dos Estados Unidos. Esta suposição pode derivar de uma compreensão que os migrantes geralmente deixam os países mais pobres buscando melhorar sua situação pessoal e as crenças corolárias de que os imigrantes recentes devem ter pouco conhecimento sobre o HIV/Aids (CARRILLO, 2004, p. 67).

Susan Sontag (1984, 1988) trabalha as metáforas em torno das doenças e em torno do HIV/Aids. Percebe-se uma conexão metafórica sobre a intrínseca relação dos imigrantes com as doenças, como as pessoas contaminadas do outro lado da fronteira e que contaminam as pessoas dentro da fronteira. A atribuição do imigrante como portador do vírus do HIV, nesse caso, implica à metáfora da poluição associada à AIDS. Como o vírus se difunde a partir de líquidos, a exemplo da ejaculação e do sangue, sua associação à uma poluição ao corpo e, conseqüentemente, à sociedade contribui com a ideia de exterioridade do vírus, assim como a ideia de exterioridade do imigrante, construído no imaginário metafórico das doenças, como o portador *per se* de infecções (SONTAG, 1984, 1988).

Embora a migração para outro país não resulte diretamente na exposição ao vírus do HIV/Aids, “o estresse frequente e circunstâncias potencialmente traumáticas, durante ou depois da migração, podem criar exposição e vulnerabilidades adicionais (como sexo desprotegido, aumento do número de parceiros, barreiras linguísticas, uso de drogas) (NIEVES-LUGO *et al.*, 2018, p. 2). Uma pesquisa realizada sobre a migração sexual e o a exposição à infecção pelo HIV, analisando especificamente o povo latino, entre 482 pessoas, brasileiros, colombianos e dominicanos, que migraram para os Estados Unidos constatou que, além da razão econômica guiar esses migrantes (49%), a migração serviu para afirmar a orientação sexual deles (40%) (NIEVES-LUGO *et al.*, 2018, p. 1).

A República Dominicana, embora não tenha declarado ilegalidade sobre a homossexualidade, e, como elemento comum em diversos países latino-americanos,

tem a homofobia muito enraizada na sociedade (NIEVES-LUGO *et al.*, 2018, p. 2). Além disso, estudos encontraram altos graus de discriminação e preconceito contra esse público na República Dominicana, e com consequências econômicas e sociais que podem forçar indivíduos à comprometer-se com trabalho sexual ou que possa resultar em uma vulnerabilidade maior para o HIV (NIEVES-LUGO, *et al.*, 2018, p. 2).

A homofobia está presente quando os “homossexuais mexicanos geralmente vivem em um ambiente social percebido como hostil para a homossexualidade, e eles desempenham diversas estratégias para lidar com suas sexualidades e para proteger suas famílias e eles do estigma social” (CARRILLO, 2010, p. 24). Carrillo (2010) observou que a heteronormatividade, como se sabe, é uma estrutura social que condiciona as ações dos indivíduos. Para os homossexuais entrevistados por Carrillo (2010), assumir-se como tal era expor-se e expor as próprias famílias às reações hostis vindas das comunidades onde moram, incluindo ainda a hostilidade presente dentro da própria família. Nesse contexto, “eles também imaginam que se mudar para os Estados Unidos possa fornecê-los mais liberdade para suas vidas sexuais” (CARRILLO, 2010, p. 24).

Para Diaz (1998), torna-se impossível falar de homofobia e machismo na vida de homens latinos gays sem se direcionar à ideia envolvida sobre o ideal de homem e masculinidade (DIAZ, 1998, p. 63). A masculinidade é compreendida como a essência da identidade masculina, integrada a diversas virtudes altamente valorizadas, a exemplo da coragem, destemor, proteção e força (DIAZ, 1998, p. 63) A partir desse ponto, os homens recebem status privilegiado de portadores e defensores dos tesouros culturais, financeiros, políticos, sociais e psicológicos e contribuem para a reprodução do sentido político da heterossexualidade(DIAZ, 1998; CURIEL, 2013). A homofobia e o machismo partem desse regime estruturada para reforçar a crença da superioridade heterossexual sobre as sexualidades desviantes desse regime político, subjugando, ademais das mulheres, os homens que não reproduzem a masculinidade esperada dessa estrutura (DIAZ, 1998).

Diaz (1998) ainda discorre sobre a sua visão, em seu tempo e em seu espaço, sobre como se ilustra o imaginário sobre os gays latinos. Para ele, os homens latinos gays não são vistos como homens de verdades, e ainda os homossexuais falham como homens (DIAZ, 1998, p. 63). Seu argumento principal nessa questão é que a homossexualidade foi definida em termos de identidade de gênero, em vez de orientação sexual (DIAZ, 1998). Isso significa dizer que os homens, dentro da estrutura da heterossexualidade, que não cumpram as crenças constituintes de um homem, a exemplo de suas virtudes outorgadas, e nem apresentem a capacidade de se constituir como chefe de família, tal como observa Curiel (2013), sobre a constituição da família nessa estrutura, são também vistos como desviantes. Diaz (1998) ainda ressalta que “a definição de homossexualidade como um problema de gênero e não como uma diferença na orientação sexual alimenta e exacerba a homofobia” (DIAZ, 1998, p. 64). Nesse sentido, Diaz (1998) ilustra que é visto na sociedade latina que os homossexuais falham no teste da masculinidade. O sentido político da homofobia é fortalecer a estrutura heterossexual a partir da exclusão das masculinidades desviantes.

Porém, Carrillo (2010) demonstrou que, dentre os entrevistados, algumas famílias sabiam a respeito da homossexualidade desses homens e construíam um silêncio em torno; outras, quando decidiam conversar, demonstravam preocupação com os perigosos envolvendo o “ser homossexual” no México e lhes diziam sobre a necessidade de partir, de migrar para ter a liberdade de se relacionar e construir novos laços; outras, entretanto, respaldavam a ideia da migração econômica pela partida de seus filhos, construindo argumentos que pudessem sanar curiosidades de suas comunidades e evitar dizer que eles partiram por amor/relação envolvendo outros homens. Assumir a sexualidade é pôr a prova os laços afetivos familiares, pois, como argumentou Carrillo (2010), algumas famílias não aceitavam seus filhos e até mesmo chegavam a expulsá-los.

Durante as entrevistas realizadas por Diaz (1998), notou-se uma reação da família acerca da homossexualidade comum a muitas falas. Segundo a testemunha do

autor, ele escutou várias vezes que as famílias preferiam o filho morto do que maricas – *mi hijo, mejor muerto que maricón* (DIAZ, 1998, p. 89). Entretanto, não são todas as famílias que rejeitam seus filhos homossexuais. Diaz (1998) também escutou histórias de aceitação e de suporte, embora a maior parte das histórias sobre suporte foram, na maior parte das vezes, mais histórias de tolerância e de não-abuso do que histórias de aceitação. A tolerância também expressava um preço: o silêncio sobre a própria homossexualidade (DIAZ, 1998, p. 90). Algumas famílias participavam mais na vida dos filhos, sem se preocupar com o que os outros diriam – *el qué dirán* -, incluindo conhecer namorados e amantes, estar ciente sobre o ativismo gay e saber sobre a infecção pelo HIV (DIAZ, 1998, p. 91).

O *familismo* encontra-se novamente presente na vida desses homens latinos, como expressa Diaz (1998), pois esses valores são tão fortes nos homossexuais latinos, quanto em qualquer outro membro da cultura latina, que impedem os homossexuais de denunciar a homofobia da família e exigir aceitação (DIAZ, 1998, p. 94). Os laços a partir do *familismo* tornam-se fontes de conflito e tensão para homossexuais (CEBALLOS *et al*, 1990 *apud* DIAZ, 1998). Isso mostra que para os homossexuais, os valores do *familismo* podem se distorcer da ideia de espaço sagrado e de garantia de segurança, principalmente quando as famílias compreendem a homossexualidade como “pecaminosa, imoral e vergonhosa”, totalmente desviante da representação da masculinidade do regime da heterossexualidade (DIAZ, 1998, p. 94).

A migração sexual foi percebida, no caso mexicano, como uma estratégia para interligar dois propósitos:

- (1) para seguir um tipo de liberalização sexual que eles imaginam ser mais possíveis nas cidades dos Estados Unidos do que dentro do México; e (2) para evitar criar situações negativas nos contextos biológicos da vida familiar no México, como também dentro dos círculos sociais de suas famílias, devido à sua promulgação de vidas sexuais e românticas com outros homens (CARRILLO, 2010, p. 25)

Para Nieves-Lugo *et al.* (2018), a migração sexual foi definida como migração motivada por duas potenciais e destacadas razões: “(1) para afirmar a sua orientação sexual ou/e (2) para evitar perseguição devido à orientação sexual” (NIEVES-LUGO *et al.*, 2018, p. 3). Além disso, “o anonimato e a oportunidade oferecida por um grande epicentro gay em um diferente país proporciona maior liberdade” (NIEVES-LUGO *et al.*, 2018, p. 6).

As migrações desse cunho, além de constituírem laços de afetos entre indivíduos, são também influenciadoras e limitantes nas vidas desses migrantes, e de não-migrantes consequentemente. Pois “as preocupações sobre expectativas familiares, restrições sociais ou reputação em seu país de origem podem inibir os indivíduos em revelar sua orientação sexual” (NIERVES *et al.*, 2018, p. 6). Carrillo (2010) observou que os migrantes mexicanos eram incapazes de possuir relacionamentos homoafetivos em suas próprias casas, já que viviam com sua família, tornando os lugares públicos e outros lugares como os espaços onde o afeto ou laços carnis pudessem florescer.

6. Entre fronteiras e infecções: as migrações e o HIV/Aids

A concepção de migração sexual é vista como “um conceito desenvolvido recentemente na literatura dos estudos da sexualidade, definido como relocação internacional que é motivada, direta ou indiretamente, pela sexualidade daqueles que migram” (CARRILLO, 2004, p. 58). A migração sexual aborda questões sexuais conectadas com a ideia de liberdade-além-da-fronteira que o migrante possui. Essa migração se conecta fortemente com as questões de sexualidade do indivíduo e de sua comunidade. Migrar torna-se um refúgio a quem não reproduz a instituição da heterossexualidade a partir do matrimônio e das expectativas recaídas sobre o indivíduo não-heterossexual.

Entretanto, para muitos homens que escolhem a migração como um caminho para lidar com a rejeição familiar, migrar para os Estados Unidos não resolve o problema da homofobia internalizada, por mais libertária que seja a ideia dessa nova terra e das vivências vindouras (DIAZ, 1998, p. 103). Nas entrevistas realizadas por Diaz (1998), observou-se que alguns imigrantes continuavam fechados com colegas de trabalho e amigos, enxergando a comunidade gay como “eles” e ainda vivendo suas vidas sexuais no contexto do silêncio e dos encontros anônimos. Mas um aspecto importante dessa migração, tanto descrito por Diaz (1998) quanto por Carrillo (2010), é sair para viver vidas mais relaxadas como homossexuais e abertamente identificados.

Em contrapartida, a migração pode envolver motivos não fundamentados na sexualidade. A possibilidade de contaminação por HIV, observado por Hirsch e Navarro (2010), refere-se às práticas de risco que os migrantes estão sujeitos nos Estados Unidos. Isso conecta-se com a visão de que, como demonstra o estudo, esses imigrantes se infectam no outro lado da fronteira e infectam suas/seus parceiras/parceiros sexuais, quando retornam à cidade natal.

Uma das instituições, consolidadas na manutenção do regime da heterossexualidade, como descreve Curiel (2013), é a Igreja, a partir da constante justificação que “a família é a origem da vida e célula fundamental de toda sociedade, entronizou-a sagrada e se dedicou a ‘civilizar’ a sociedade, por imposição do casamento estabelecido pelo Conselho de Trento” (CURIEL, 2013, p. 136). Assim, colocada como sagrada, a Igreja se torna para alguns migrantes uma instituição que fomenta à fidelidade das relações, já que

para aqueles que preferem a Igreja ao campo de futebol, programas baseados na fé podem servir para interromper onexo migração-risco do HIV. A Igreja Católica é a instituição social preeminente que liga as comunidades transnacionais, e pode ser possível usar esse poder existente, juntamente com o catolicismo mexicano, para abraçar o sofrimento corporificado como expressão de devoção religiosa, para desenvolver um novo tipo de tradição inventada, na qual os mexicanos se comprometem com a abstinência – ou, pelo menos, infidelidades gerenciadas – em paralelo a esse momento paradigmático de sofrimento corporificado e a deliberada abstenção do prazer, o encontro de Jesus com o diabo no deserto. A Igreja é, afinal, liderada por homens que se comprometem a

uma vida de controlar seus próprios desejos para o bem maior da comunidade (HIRSCH e NAVARRO, 2010, p. 140).

Por outro lado, a migração sexual se funda na ideia de liberdade. Concernente à homossexualidade, brevemente discutida aqui pela figura de Aldo e pelas ressignificações dos espaços para o migrante, Carrillo (2004) introduz a Javier “que imaginou que se mudar para os Estados Unidos permitiria que ele finalmente pudesse integrar plenamente sua homossexualidade em todos os aspectos de sua vida” (CARRILLO, 2004, p. 59). Insere-se, aqui, outro elemento guia para o migrante sexual: a liberdade de se relacionar. Vale destacar ainda, que

a migração internacional é motivada, total ou parcialmente, pela sexualidade dos que migram, incluindo motivações ligadas a desejos e prazeres sexuais, a busca do romantismo em relações com parceiros estrangeiros, a exploração de novas autodefinições de identidade sexual, a necessidade de se distanciar a si mesmo a partir de experiências de discriminação ou opressão causada pela diferença sexual, ou a busca para maior igualdade e direitos sexuais (CARRILLO, 2004, p. 59).

Mas a migração sexual não deve ser percebida apenas como um desejo meramente sexual, ou um fenômeno exercido fundamentalmente em um grupo social. Percebe-se que a migração sexual é um ato identitário e político. Migrar por causa da sexualidade, como apontado por Carrillo (2004), na figura de Javier, é permitir que o corpo se politize ainda mais através da manifestação de uma identidade não-heterossexual, capaz de permear os aspectos de sua vida. Sintetiza-se ainda que

a ênfase aqui é não só em corpos em movimento, mas também em discursos movendo-se independentemente ou com eles. Quando um praticante de ‘atos homossexuais’, ou um corpo que exerce qualquer uma das muitas marcas ‘queering’ se move entre espaços oficialmente designados – nação, região, metrópole, vizinhança, ou mesmo cultura, gênero, religião, doença – realinhamentos intrincados de identidade, política e desejo tomam o lugar (CARRILLO, 2004, p. 61).

Não se pretende aqui supor que as migrações sexuais são mais vulneráveis ao HIV/Aids, além de outras IST, mas mostrar “as ligações entre a migração sexual e a saúde sexual permanecem amplamente inexplorada” (CARRILLO, 2004, p. 66). Porém, vislumbra-se que “essa migração pode criar vulnerabilidade em termos de transmissão e aquisição de doença sexualmente transmissível. A lógica é que porque

os migrantes são desenraizados, seus padrões de comportamento sexual e ideologia são desestabilizados por contato com novas culturas sexuais” (HERDT, 1997 *apud* CARRILLO, 2004, p. 66).

Das entrevistas realizadas por Carrillo (2010), foi noticiado que metade de seus entrevistados, de 31 homens, estiveram envolvidos em relações sexuais desprotegidas com parceiros masculinos de status de HIV desconhecido. Entretanto, para alguns desse subgrupo, que tiveram relações sexuais desprotegidas, representou-se uma maior vulnerabilidade ao HIV após a migração. Entretanto, Carrillo (2010) notou uma maior conscientização sobre prevenção a IST, especialmente ao HIV/Aids, a partir do acesso mais amplo à educação sexual, em relação aos locais de origem, onde nunca ou raramente usaram preservativos (CARRILLO, 2010, p. 35).

Dos seis homens entrevistados por Carrillo (2010), nenhum apresentou mudança no status sorológico do HIV, durante o período de um ano do projeto. Entretanto, é fundamental compreender sobre o que pode ser feito para garantir que as jornadas desses imigrantes, fundadas ainda em um imaginário de liberdade sexual, não se traduzam em vulnerabilidade ao HIV, mas em uma oportunidade de viver uma vida sexual mais saudável, a partir das ferramentas necessárias de prevenção, e tratamento quando necessário, desses migrantes.

7. Considerações Finais

As razões para migrar são muito subjetivas, embora existam contextos econômicos, políticos e sociais que influenciam nesse processo. Como foi mostrado ao longo dessa discussão, existem sujeitos que são influenciados por questões concernentes à sexualidade, identidade de gênero, e pelas pressões do *familismo* sobre a expectativa daquele homem tornar-se um homem, segundo os critérios entendidos pelo regime da heterossexualidade. As práticas do cotidiano, o existir e transitar pelos espaços urbanos, são moldadas por esses homens a partir de suas relações afetivas e

carneiros com outros homens. Nesses espaços, o lugar de refúgio de uma vigilância constante da família heterossexual é construído, embora ainda sejam espaços secretos e, em partes, com encontros anônimos.

A migração sexual, tema ainda recente na literatura de migrações, e não tanto desbravado como discutido por Carrillo (2004), é uma fuga do *familismo* e das expectativas do regime político da heterossexualidade. A reprodução desse regime é esperada pelos homens, uma reprodução baseada na desigualdade e na subjugação da mulher. Alguns desses homens a reproduz, ao mesmo tempo que mantém encontros com outros homens em silêncio, pois a reprodução dessa instituição política torna-se confortável para a vida social familiar. Alguns dos homens que são julgados pela masculinidade desviante escolhem migrar. Ir ao Norte ressignifica as possibilidades de relações afetivas, identitárias e sociais.

Há ainda a questão de migrações sazonais e suas relações com os espaços e com as práticas cotidianas. Assim, homens heterossexuais migrantes, seja nessa transição da vida juvenil à vida adulta, seja como fundada na busca por condições financeiras melhores, e retornam para seus lugares de origem, ressignificam as práticas sociais a partir da construção, ou reprodução, dos sucessos obtidos no Norte. A *cantina*, ou o bar, torna-se esse espaço de socialização de masculinidades dentro do regime da heterossexualidade, onde discursos e práticas de reprodução de um poder masculino são constantes. Escolheu-se trabalhar com esses homens para demonstrar duas relações importantes: 1) as questões envolvidas sobre as práticas do cotidiano e as relações que eles exercem sobre os espaços; e 2) a transmissão do HIV de homens heterossexuais que se infectam nos Estados Unidos e, por não saberem o status sorológico, acabam transmitindo o vírus, sobretudo para suas companheiras.

Uma das intenções nesse trabalho foi demonstrar como o HIV se tornou uma infecção vulnerável a quem migra, seja a partir da migração sexual ou sazonal. A prevenção, juntamente com a educação sexual, torna-se ferramenta fundamental para evitar a infecção pelo HIV e por outras IST. Além disso, redesenhar a forma de

abordagem às pessoas infectadas é essencial para descentralizar a contaminação do vírus a alguns determinados grupos. Compreender grupos de risco é fazer crer que quem não se adequa a esses grupos está isento de qualquer exposição ao vírus. Muda-se essa abordagem para práticas de risco, ou seja, práticas exercidas pelos indivíduos que facilitam o contato com o vírus.

A influência estrutural do regime político da heterossexualidade sobre sexualidades não-heterossexuais exclui e estigmatiza esses sujeitos. A família heterossexual, embora com distintas reações perante a descoberta da não-heterossexualidade dos seus filhos, encontra desafios que extrapolam os espaços convividos desses familiares. A expectativa social, o mal falar da vizinhança, também é agravante sobre a reação familiar após essa descoberta. No fundo, migrar torna-se uma tentativa de fugir dessas pressões. Ao mesmo tempo, migrar torna-se uma possibilidade de descoberta identitária.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, G. **Bordelands – La Frontera, The New Mestiza**. São Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- BARBOSA, J. L.; DAMASCENO, I. Reinventando espaços públicos: políticas de si e política com muitos outros. In: BARBOSA, J. L.; CAPANEMA, L. A. **Espaços Públicos Urbanos: adas políticas planejadas à política do cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2019.
- CARRILLO, H. Leaving loved ones behind, Mexican gay men's migration to the USA. In: THOMAS, F.; HOUR-KNIPE, M.; AGGLETON, P. **Mobility, sexuality and AIDS**. Londres: Routledge, 2010.
- CARRILLO, H. Sexual Migration, Cross-Cultural Sexual Encounters, and Sexual Health. **Sexuality Research & Social Policy**. São Francisco: San Francisco State University, 2004.
- CERTEAU, M. de. **La invención de lo cotidiano, 1 artes de hacer**. México: Universidad Iberoamericana, 1984.

COSTA, B. P. da. Família e Espaço Geográfico: a Especificidade da Família Lavinsky em Vitória da Conquista - BA. V. 8, n. 2, p. 316-336. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

CURIEL, O. **La nación heterosexual: Análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación**. Bogotá: Editora En la frontera, 2013.

DIAZ, R. M. **Latino gay men and HIV. Culture, sexuality, and risk behavior**. Nova York e Abingdon: Routledge, 1998.

FREITAS, K. A. dos S. Resenha de CERTEAU, Michel: A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. v. 5, n. 1, p. 207, jan./jul 2014. **ENTRELETRAS**. Araguaína: Universidade Federal do Tocantins, 2014.

HIRSCH, J. S.; NAVARRO, S. M. Que gusto estar de vuelta en mi tierra, The sexual geography of transnational migration. In: THOMAS, F.; HOUR-KNIPE, M.; AGGLETON, P. **Mobility, sexuality and AIDS**. Nova York: Routledge, 2010.

NIEVES-LUGO, K.; BARNETT, A.; PINHO, V.; REISEN, C.; POPPEN, P.; ZEA, M. C. Sexual Migration and HIV Risk in a Sample of Brazilian, Colombian and Dominican Immigrant MSM Living in New York City. **Journal of Immigrant and Minority Health**. Washington: The George Washington University, 2018.

PULLAN, W. Spatial Discontinuities: Conflict Infrastructures in Contested Cities. In: PULLAN, W.; BAILLIE, B. **Locating Urban Conflicts. Ethnicity, Nationalism and the Everyday**. Cambridge: University of Cambridge, 2013.

SONTAG, Susan. **A Doença como Metáfora**. São Paulo: Graal, 1984.

SONTAG, Susan. **AIDS e suas Metáforas**. São Paulo: Graal 1989.

TIMERMAN, A.; MAGALHÃES, N. **Histórias da Aids**. São Paulo: editora Autêntica, 2015.

WARD, J. Dude-Sex: White Masculinities and 'Authentic' Heterosexuality Among Dudes Who Have Sex with Dudes. v. 11(4), pp. 414-434. **Sexualities**. Riverside: University of California, 2008.

WARD, J., & SCHNEIDER, B. The Reaches of Heteronormativity. v. 23(4), pp. 433-439. **Gender & Society**, 2009.